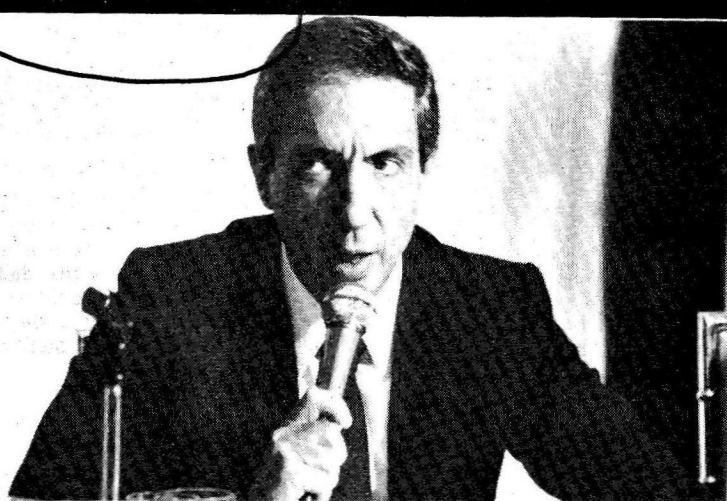




Ermírio de Moraes, eleito o empresário do ano, e...



... Abílio Diniz: críticas às metas do acordo com o FMI.

Na reunião dos grandes empresários, crítica à carta ao FMI.

As metas estabelecidas pelo Fundo Monetário Internacional são preocupantes e, se cumpridas, agravarão ainda mais o problema do desemprego e da recessão no Brasil. Essa é a visão dos dez mais expressivos líderes empresariais, eleitos pela revista *Balanço Anual da Gazeta Mercantil* e reunidos em almoço oferecido ontem pelo jornal, no Clube Paulistano.

Na opinião de Antonio Ermírio de Moraes, presidente do grupo Votorantim, e eleito com maior número de votos, os compromissos assumidos pelo governo dificilmente serão cumpridos, "porque são recessivos". Ele não acredita que as metas possam ser atingidas sem que haja grande sacrifício da parte das áreas produtivas do País.

— Não vejo como conseguir uma queda expressiva da inflação em 84, redução do déficit público aos níveis assegurados pelo governo, e nem superávit comercial de nove bilhões de dólares, sem recessão e desemprego. Para se exportar esse volume, há que se trabalhar efetivamente todos os setores da exportação. Tudo isso exigirá maior produtividade das empresas públicas, que terão que manter suas tarifas a níveis muito altos. Como é possível diminuir a inflação desse jeito?

O presidente do grupo Votorantim desmentiu a afirmação de que daria um Prêmio Nobel a quem conseguir cumprir as metas estabelecidas pelo FMI, declaração que deixou bastante irritado o ministro Camilo Pena, da Indústria e do Comércio. E esclareceu, de maneira irônica:

— Realmente, não pertencem ao comitê do Prêmio Nobel, como afirmou o ministro. O que tentei dizer, e a imprensa deturpou, é que não teria dúvidas em solicitar a premiação. Não obstante isso, torço muito para que as metas sejam cumpridas.

Mais trabalho, menos festas.

Respondendo ainda ao ministro Camilo Pena, que chegou a afirmar que as lideranças empresariais não têm consciência de sua responsabilidade, Antônio Ermírio disse já

ter cumprido com sua cota de esforço e sacrifício. Frisou ainda que trabalha mais de 14 horas por dia, e também aos fins de semana.

— O que é preciso — acrescentou ele — é que os homens do governo façam o mesmo, com menos coquetéis, menos festas e mais trabalho. É muito fácil assinar uma carta em Brasília, enquanto o resto do País é quem sofre as consequências. O difícil é a execução do programa.

O empresário Abílio Diniz considera que a meta mais grave da carta é o compromisso de provocar uma queda da inflação ainda para o ano de 1983. Ele não acha possível reduzir a taxa inflacionária no último trimestre deste ano para 5%, lembrando que, "nem se o governo promover uma redução violenta dos meios de pagamentos, vai conseguir alcançar esse índice, e muito menos o de 2,5% para a inflação média mensal no último trimestre de 1984".

Diniz, que também é membro do Conselho Monetário Nacional, considerou a carta de intenção assinada com o Fundo bastante incompleta, pelas poucas referências que faz ao ano de 1984. Segundo ele, a carta é feita em cima do fechamento do balanço de pagamentos para este ano. E exigiu que "o governo venha a público para explicar como conseguirá cumprir principalmente as metas relacionadas à inflação".

— É evidente que o que a população mais quer neste momento — explicou — é a redução da espiral inflacionária. Ela que corrói o poder aquisitivo dos assalariados, e que desarticula a economia do País. É a principal responsável também pelo aperto sobre as empresas. Mas é preciso saber de que maneira o governo pretende combatê-la.

Depressão

O empresário Cláudio Bardella tem opinião parecida. Para ele, o cumprimento das obrigações com o Fundo somente irá provocar mais inflação e recessão. "Não vejo nenhum outro panorama mais brilhante para o Brasil nos próximos dois anos, enquanto

tivermos que assumir esses compromissos", disse ele.

O presidente da Metal Leve, José Mindlin, também considera preocupante os compromissos assumidos pelo Brasil com os credores internacionais. Se forem cumpridos, garante o empresário, a tendência é que o quadro recessivo se agrave sensivelmente, provocando desemprego e aumento da inflação. Sobre a fixação do índice inflacionário para o ano que vem, disse:

— É impossível estabelecer quanto será. Isso é a mesma coisa que afirmar que febre terá o paciente em 1984.

Pedido a Deus

Um temor pelo agravamento da situação social e econômica do País, em 84, foi o que expressou o empresário José Ermírio de Moraes Filho, das Indústrias Votorantim. Ele admite que poderemos ter no Brasil algo parecido com a depressão de 1929, "quando se via favelas no Central Park", se alguns pontos que integram a carta de intenção forem atingidos.

— Não vejo possibilidade de se cumprir algumas dessas metas, a não ser que se coloque o País em recessão mais violenta e depressão. E meu medo é que as grandes crises econômicas e as grandes depressões somente conduzam ao radicalismo, seja de esquerda ou de direita.

Mas, segundo o empresário Antônio Ermírio de Moraes, nem tudo está perdido. Pedindo a Deus e ao presidente Figueiredo que escolha para o Brasil "um presidente confiável", pois o País, na sua opinião, não aguentaria mais "um longo período de irresponsabilidades", ele assinalou que a saída mais imediata é pedir aos banqueiros internacionais maior prazo de carência para o pagamento do principal e dos juros da dívida externa.

— Outras saídas poderiam ser mais investimentos na agricultura, na indústria básica, saúde e educação. Mas essas são prioridades que caíram por terra, a partir do momento em que a prioridade número um para o País tornou-se o desemprego.